

CONGRUÊNCIAS ENTRE POESIAS DE AUGUSTO DOS ANJOS E LETRAS DE MÚSICAS INTERPRETADAS PELA BANDA FRESNO

July Helen Valle da Silva¹

julyhelen@gmail.com

Jenifer Schnorr Simão²

jeniferschnorr02@gmail.com

Lúcia Regina Lucas da Rosa³

lucia.rosa@unilasalle.edu.br

Resumo: Conforme a História, música e poesia eram inseparáveis, pois os poemas surgiam para serem cantados. Por isso, hoje, os poemas e as letras de músicas aproximam-se tanto pela forma, quanto pela subjetividade. Assim, este trabalho pretende estreitar a relação entre alguns poemas da obra “Eu e outras poesias”, de Augusto dos Anjos, e as músicas interpretadas pela banda Fresno. Para tal análise, será exposto o contexto influenciador de ambos os universos e, posteriormente, serão apresentados alguns pontos de conexão entre as duas artes. Esse reconhecimento, ainda, é relevante para o processo de ensino e aprendizagem, pois traz a associação entre uma obra do cânone e a contemporaneidade. Para este estudo serão apresentadas algumas ideias de Bosi (1997) e Pavloski (2012), entre outros.

Palavras-chaves: Augusto dos Anjos; Fresno; Poesia; Música.

Abstract: According to history, music and poetry were inseparable, as the poems appeared to be sung. For this reason, today, poems and song lyrics are brought together by both form and subjectivity. Thus, this work intends to strengthen the relationship between some poems from Augusto dos Anjos’ work and other poems, and the songs performed by the band Fresno. For this analysis, the influencing context of both universes will be exposed and, later, some connection points between the two arts will be presented. This recognition is also relevant to the teaching and learning process, as it brings the association between a work in the canon and contemporaneity.

Keywords: Augusto dos Anjos; Fresno; Poetry; Music.

1 Universidade La Salle.

2 Universidade La Salle.

3 Universidade La Salle.

INTRODUÇÃO

Este artigo emerge de uma proposta de análise e pesquisa bibliográfica sobre um dos autores trabalhados na disciplina de Literatura Brasileira III no segundo semestre de 2020 da Universidade La Salle. Sendo as autoras discentes do curso de Letras - Português, torna-se natural seus olhares se voltarem à educação, mais especificamente ao ensino e aprendizagem da literatura. Portanto, ao conhecerem, durante a disciplina, a obra de Augusto dos Anjos, as acadêmicas perceberam semelhanças entre o autor e as letras das músicas da banda gaúcha Fresno. A relação entre esses universos distintos pode ser interpretada como uma consolidação da Aprendizagem Significativa.

Segundo Agra, et al. (2019), a Aprendizagem Significativa consiste na aproximação entre um novo conhecimento e um já internalizado. Sabe-se que o ato de aprender requer conhecimento de mundo, e o caso da ponte construída pelas estudantes entre o poeta pré-modernista e a banda contemporânea exhibe, na prática, o quanto a familiaridade pode potencializar o aprendizado. Vale ressaltar que a Fresno, criada em 1999, teve sua ascensão com o movimento *Emocore* (abreviação do termo *Emotional Hardcore*, que em tradução livre significa núcleo duro emocional, usado para designar o estilo musical produzido e consumido pelas pessoas do movimento) em 2003 e que as autoras vivenciaram tal estilo na adolescência, o que fortalece ainda mais essa análise.

Por meio deste artigo, então, será apresentado o poeta Augusto dos Anjos, a banda Fresno e, por fim, serão realizadas análises sobre os pontos de intersecção entre as produções. Pretende-se que, com este estudo, possa-se contribuir para as práticas docentes e para a estimulação de identificação dos alunos com autores do cânone.

AUGUSTO DOS ANJOS: O POETA INDEFINÍVEL

É de extrema valia conhecer o poeta Augusto dos Anjos para compreender, ou, ao menos, tentar decifrar sua identidade. Assim, essa busca faz-se por meio da biografia e de sua única e eterna obra literária, o livro de poemas “Eu e outros poemas”.

Francisco Costa (1996), no texto “Augusto dos Anjos e a façanha da biografia”, afirma que é uma tarefa quase impossível escrever sobre o poeta, seja pela falta de informações, seja pela dificuldade de compilar a grandiosidade do ser em meras palavras. Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos, mais conhecido como Augusto dos Anjos, nasceu no Engenho de Pau d’Arco, atual município de Sapé, na Paraíba, no dia 20 de abril de 1884 e morreu no dia 12 de novembro de 1914, aos 30 anos, na cidade de Leopoldina, Minas Gerais. Quando menino, sofria com a asma, teve aulas com seu próprio pai, senhor de engenho falido, por meio de enciclopédias, tornando-se, então, “um intelectual de província, não da capital” (COSTA, 1996, p. 215).

Apesar de que, por sua condição de saúde, sempre fora mimado no meio familiar, contrastando com sua aceitação no meio literário, Costa (1996) afirma que Augusto dos Anjos era uma incógnita, difícil de se aproximar, talvez isso explique seu sucesso póstumo. O autor ainda define a paradoxal personalidade do poeta, mais um forte indício de limitação social, transitante entre a “timidez e a megalomania”, característica esta que pode ser deduzida em inúmeros versos de sua poesia. A exemplo disso, certa vitimização é expressa no poema “O poeta do hediondo”: “Eu sou aquele que ficou sozinho” (ANJOS, 1998, p. 65). Enquanto que no “Poema Negro”, é estampada uma espécie de pretensão: “Para onde vou (o mundo inteiro o nota)” (ANJOS, 1998, p. 45).

No âmbito da literatura, embora o poeta encontra-se no período chamado Pré-modernista, é definido como sincretista, isto é, “poeta de transição”, uma vez que suas poesias contemplam fortes resquícios do Parnasianismo e Simbolismo. Em seguida, um trecho do poema “Barcarola” apresenta características dos escritos parnasianos com estrofe, segundo Kimori (2017), em quadra, isto é, quatro versos, além de rimas ABBA. Este texto fala de uma embarcação e dos demais elementos do campo semântico marítimo, ou seja, conta com um tema objetivo, mais um indício parnasiano:

Vai uma onda, vem outra onda
E nesse eterno vaivém
Coitadas! não acham quem,
Quem as esconda, as esconda...
(ANJOS, 1998, p. 51).

Além desse exemplo, também há um trecho do poema “O mar”: “Reflete a luz do sol que já não arde, / Treme na treva a púrpura da tarde, / Chora a Saudade envolta nesta espuma!” (ANJOS, 1998, p. 85). Nesses versos pode-se perceber que o Simbolismo também marca sua presença nos textos de Augusto dos Anjos, por meio da sinestesia entre “luz” e “arde” e a menção da espuma. Essa última reflete a tão conhecida obsessão pela cor branca, segundo Bosi (1997), do mais importante representante dessa vertente, Olavo Bilac.

Embora os poemas demonstrem fagulhas de estilos definidos, não é possível inserir Augusto dos Anjos em uma classificação absoluta, como disse Costa (1996, p. 214), “ele escapa por entre os dedos, difuso, como acontece com sua própria poesia”. Todavia, não é aceitável deixar de dar uma atenção especial ao egocentrismo do título de sua obra: “Eu e outras poesias”. Sob esse viés, Pavloski (2012) traz, em seu texto “Identidades Instáveis: os fragmentos do sujeito moderno”, uma visão bifurcada sobre a identidade, que seria dividida entre o “eu” e o “não-eu”. Entenda-se a primeira parte como o sujeito como ele é e a segunda como o modo de ser imposto pela sociedade, que, segundo os autores, limita o sujeito de viver a individualidade em sua totalidade. Contudo, baseando-se no parecer de Pavloski (2012), pode-se dizer que o poeta em questão optou por viver sua completa liberdade, mas, para tanto, ironicamente, precisou refugiar-se dentro de casa e dentro de si. De acordo com Costa (1996), a “autoimersão” foi tão intensa que Augusto morreu dois anos após escrever seu primeiro e único livro, como se não fosse possível viver muito após o mergulho em seu próprio alto mar. Portanto, devido à complexidade que a obra de Augusto dos Anjos carrega, este artigo analisará apenas detalhes de algumas de suas poesias, almejando desbravar um pequeno número de mistérios dos seus escritos.

FRESNO: O SOM DA MELANCOLIA

Nogueira (2008), em seu texto “*Emocore* - grupo como leitura social”, apresenta um panorama histórico da “tribo” *Emo* (abreviação popular para referir-se aos adeptos do estilo) e como ela chegou ao Brasil. De acordo com a autora, o *Emocore* é uma associação do movimento *Indie-rock* com movimento *Punk*, originário nas décadas de 1970 e 1980, em decorrência da rebeldia e necessidade de se fazer ouvir dos jovens norte-americanos que viviam a realidade da Guerra do Vietnã, pós duas Guerras Mundiais. Posto que as “tribos”, como são chamados os grupos sociais, “são formadas quando há uma identificação dos componentes com a causa” (MAFFESOLI, 1987 apud NOGUEIRA, 2008, p. 191), é fato que o *Emocore* conquistou adeptos pelas suas características marcantes que dialogavam com o público adolescente. No Brasil, por sua vez, o movimento chegou em 2003 no estado de São Paulo, trazido por jovens que se reconheceram na estética e

a adotaram como estilo de vida. Rapidamente, de acordo com Nogueira (2008), a moda fora espalhada por outros estados com base no sentimentalismo depressivo e na roupa.

Os adeptos do Emocore são reconhecidos facilmente por seu vestuário. [...] eles parecem punks pelas roupas e olhos pretos e botas, mas a diferença é que, por trás desta aparente rebeldia, escondem um universo infantil quando usam figuras da Hello Kitty, saíngas quadriculadas, acessórios cor rosa, laços parecidos com os da personagem Wilma do desenho “Os Flintstones”, bijuterias de bola, camisetas pretas com fotos de astros do rock e a característica principal que é o uso de uma longa franja lisa escorrida no rosto (NOGUEIRA, 2008, p. 194).

Consequentemente, além dessas características explícitas, os integrantes do movimento se reconhecem nos sentimentos compartilhados. Segundo Nogueira (2008), a forma dessas pessoas se expressarem está fortemente baseada na expansão das emoções; destarte, “os emos [...] carregam a tristeza e uma atuação depressiva” (CARVALHO, 2004, p. 4).

Durante as pesquisas sobre o *Emocore*, é notável a indissociabilidade entre o grupo social e a 1ª arte, uma vez que todos os autores que escreveram sobre as características do movimento abordam a temática musical, “desde que os emos se constituíram enquanto tribo, são os jovens que dela fazem parte que passaram a definir o que é a música emo, e isso se dá a partir do gosto” (CARVALHO, 2004, p. 14). Desse modo, ao pensar em qual artista é consumido por esse público e o representante, rapidamente surge a imagem da banda gaúcha Fresno.

O grupo, que já mudou de formação algumas vezes, foi criado durante uma reunião de um grêmio estudantil na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1999, com o nome de “Democratas”. Em 2001, após descobrirem que já existia uma banda com o nome igual, os músicos decidem trocar e o atual vocalista e principal compositor das músicas, Lucas Silveira, sugere “Fresno”, baseada em uma cidade norte-americana de mesmo nome e na sonoridade da palavra. No mesmo ano, a banda lança seu primeiro *extended play* (EP) e começa a acumular uma base de fãs com a ajuda da internet.

Em 2004, com o movimento *Emocore* já instalado no Brasil, a Fresno lança seu segundo álbum, que alguns críticos definem como mais *Emo* em relação ao primeiro, e conquista seu espaço no cenário nacional. Ao deixar de ser uma banda independente em 2008, assinando contrato com a Arsenal, da Universal, novas portas se abriram e o grupo, em consequência, chega a ser conhecido mundialmente. Desde então, a banda já sofreu diversas mudanças, tanto no som, quanto nas letras, nas gravadoras, entre outras, mas o fato é que sempre foi e sempre será lembrada como símbolo do movimento *Emo* em nosso país.

Carvalho (2004) afirma que o rótulo nasceu em função do estilo das vestimentas dos integrantes e também pelo conteúdo das letras das músicas, uma vez que são carregadas de emoção e abordam relações amorosas e demais temas, normalmente, melodramáticos. Contudo, apesar de acolhida pela tribo, a banda não se reconhece como *Emo* e segue fazendo grande sucesso entre os fãs mais fiéis, tendo lançado seu último disco recentemente, em 2019, intitulado “Sua Alegria Foi Cancelada”. Complementando, Nogueira (2008) aponta que a situação é decorrente do mercado sonoro, isto é, ao se nomear como pertencente a um movimento, a banda encontrará dificuldades para se fazer escutar por pessoas de fora do movimento.

POESIA E MÚSICA: PONTOS DE INTERSECÇÃO

Analisando as produções do poeta Augusto dos Anjos e da banda Fresno, é possível notar que elas se assemelham, o que não se distancia muito do que ambas as artes, poesia e música, eram no passado, pois,

especificamente, na Grécia Antiga, os poemas eram escritos para serem cantados (CAVALCANTI, 2009, p. 30). É importante também mencionar que, ainda segundo Cavalcanti (2009), houve o período literário chamado “Trovadorismo”, na Idade Média, em que os poetas-cantores eram os responsáveis por disseminar a arte da poesia em forma de canção. Foi apenas a partir da Idade Moderna, com a invenção da tipografia, que música e poesia passaram, aos poucos, a se desvincular e o poema transpôs-se para a leitura silenciosa.

Após este panorama histórico e os estudos referentes à poesia angelina e as músicas da Fresno, sob influência do movimento *Emocore*, pode-se notar a mesma atmosfera mórbida em ambas as criações. O próprio vocalista da banda, Lucas Silveira, relembra em entrevista, a respeito da morbidez do estilo: “Historicamente, até o próprio lance do *Emocore*, é sempre um jovem tratando de um drama pessoal de forma muito dramática, com uma emoção bem exacerbada” (SILVEIRA, 2019). Sendo assim, serão apresentadas comparações entre trechos das escritas de ambos os autores e sua sincronia.

A música “Infinito”, da Fresno, retrata uma ideia baseada na possibilidade de haver uma nova realidade, em que o eu-lírico foge da sua vida em direção à infinitude do universo para um lugar só dele e ao notar-se de lá, percebe-se reduzido. Pode-se encontrar isso no seguinte trecho:

Quem dera poder partir
Sem tchau, sem mala, sem nada
Ver bem de longe o meu planeta
E perceber
Que a gente é pequeno demais
Na imensidão das galáxias
(INFINITO, 2012)

Os mesmos sentimentos aparecem nas poesias de Augusto dos Anjos. Primeiramente, na passagem do texto “As Cismas do Destino I”, nota-se o desejo de fuga em sentido ao universo, isto é, ao todo e, conseqüentemente, ao infinito:

Era um sonho ladrão de submergir-me
Na vida universal, e, em tudo imerso,
Fazer da parte abstrata do Universo,
Minha morada equilibrada e firme!
(ANJOS, 1998, p. 13)

Já no seguinte trecho do poema “Insânia de um Simples”, observa-se que o eu-lírico também se sente minúsculo diante da vida: “Apraz-me, adstrito ao triângulo mesquinho / De um delta humilde, apodrecer sozinho / No silêncio de minha pequenez!” (ANJOS, 1998, p. 20). Sendo assim, tanto em “Infinito” quanto em “As Cismas do Destino I”, o eu lírico projeta-se no universo e em “Insânia de um Simples” compreende sua brevidade. Todavia, após se enxergar mínimo perante a grandeza da infinitude, surge a depressão. Assim, o eu-lírico de “As Cismas do Destino I” relata, em outro trecho, o ato de ferir-se frente à mágoa:

Chegou-me o estado máximo da mágoa!
Duas, três, quatro, cinco, seis e sete
Veze que eu me furei com um canivete,
A hemoglobina vinha cheia de água!
(ANJOS, 1998, p. 10)

Tal menção também surge na música “Quando Eu Cai”, na qual o eu-lírico relata já ter desejado a morte, mas assume ter superado. Logo, torna-se parte de tudo e entrelaça-se novamente à ideia de pertencimento à totalidade:

Eu não tenho mais medo, eu me fiz canção
O meu corpo é poeira, minha voz é trovão
Não vou mentir
Eu já quis tanto deixar de existir
(QUANDO, 2019)

A origem do desejo de deixar a vida, normalmente surge como resultado de uma revolta, por isso, em “As Cismas do Destino”, agora na parte II, o eu-lírico critica aos que querem ser esplêndidos, afirmando que os defeitos nunca ficam encobertos, por meio da alusão aos dentes estragados. É possível ver a explicitação no trecho abaixo:

Ah! Por mais que, com o espírito, trabalhes
A perfeição dos seres existentes,
Hás de mostrar a cárie dos teus dentes
Na anatomia horrenda dos detalhes!
(ANJOS, 1998, p. 15)

Em concordância a essa passagem, há a música “Manifesto”. Nela, o eu-lírico também faz uma crítica à utopia da perfeição e à hipocrisia das pessoas:

A gente mostra pro mundo o que se quer esconder
A gente finge que vive até o dia de morrer
E espera a hora da morte pra se arrepender de tudo
E todas essas pessoas que passaram por mim
Alguns querendo dinheiro, outros querendo o meu fim
Os meus amores de infância e os inimigos mortais
Todas as micaretas, todos os funerais
Todos os ditadores e sub-celebridades
Farsantes reais encobertando verdades
Pra proteger um vazio, um castelo de papel
Sempre esquecendo que o mundo é só um ponto azul no céu
(MANIFESTO, 2014)

Nos dois excertos anteriores, a decepção do eu-lírico com a atitude das pessoas ao seu redor é evidente e ambos denunciam tal insatisfação com verdades cruéis, transmitindo tais veracidades pela escolha das palavras. No caso do poema, a metáfora da cárie traz a sensação de putrefação, como se as imperfeições fossem algo a ruir a fina superfície das aparências, surgindo de forma incontrolável. Já na letra da música, a realidade sobre as pessoas que fingem, aparece no verso “Pra proteger um vazio, um castelo de papel” (MANIFESTO, 2014), ou seja, faz uma analogia à fragilidade dos seres e por isso o desejo de se esconderem.

Dialogando com as insatisfações dos eu-líricos e suas revoltas, aparece a menção da cor vermelha. Em “As Cismas do Destino I”, o eu-lírico relata sua preferência pela coloração, no seguinte trecho:

A cor do sangue é a cor que me impressiona
 E a que mais neste mundo me persegue!
 Essa obsessão cromática me abate.
 Não sei por que me vêm sempre à lembrança
 O estômago esfaqueado de uma criança
 E um pedaço de víscera escarlate.
 (ANJOS, 1998, p. 9)

Enquanto Augusto dos Anjos opta por fazer a descrição repulsiva da cor do sangue, a letra da música “Sua Alegria Foi Cancelada” demonstra que o eu-lírico passa por um difícil momento e que os raios solares tingiram, negativamente, suas sombras também da cor vermelha. Para tal efeito é utilizado o neologismo “vermelhando”:

Sua alegria foi cancelada
 Disse do outro lado a sua voz cansada
 Acordei no meio da madrugada
 Abracei com força o mais puro nada
 Fechei sem dó, fresta no meu coração
 Senti o sol vermelhando a escuridão
 Ouvi que se eu não desistir, vai passar
 Que se eu não pensar muito, vai sumir
 Conforme o tempo passa, vai sarar
 Que se eu fechar os olhos, não tá mais aqui
 (SUA, 2019)

A escolha da cor vermelha para obsessão fúnebre ou depressão intensa é uma coincidência curiosa. Segundo Freitas (2007), esta cor traz, quanto à associação material, a ideia de: guerra, sangue, sol, mulher, feridas, perigo, fogo, rubi. E quanto à associação afetiva: força, energia, paixão, vulgaridade, coragem, furor, violência, calor, ação, agressividade. Nas duas associações, são mencionados exemplos que transmitem emoções fortes, dialogando com um dos vieses desta análise, isto é, a expressão de sentimentos extremos.

Outra convergência percebida entre as duas expressões artísticas foi a aflição do eu-lírico sobre um passado demasiado pesado para ser carregado. Essa afirmação ocorre no poema “Os Doentes I”, na passagem: “E via em mim, coberto de desgraças, / O resultado de bilhões de raças / Que há muito desapareceram!” (ANJOS, 1998, p. 21). Essa inquietação também é apontada na música “Porto Alegre”, no fragmento: “Eu vivo condenado e sem saída / De um passado que parece não ter fim” (PORTO, 2010). Os dois trechos demonstram insatisfação com algo anterior, mas, no poema, Augusto dos Anjos se refere à ancestralidade, ou seja, antes do eu-lírico fazer suas próprias escolhas, antes até mesmo de nascer. Diferentemente, a música diz respeito às vivências e experiências do eu-lírico, que se encontra aprisionado a algo antigo.

Por fim, percebe-se, após este estudo, que de todas as congruências encontradas, o sentimento de angústia foi influência tanto para os poemas de Augusto dos Anjos, quanto para as músicas da Fresno. A título de exemplo, no verso do poema “Os Doentes II”, Augusto dos Anjos escreve: “Minha angústia feroz não tinha nome.” (ANJOS, 1998, p. 21), o poema refere-se a um sentimento ainda pior que o da angústia, que não é capaz de explicar, apenas acrescenta o adjetivo “feroz” para que o leitor compreenda seu desespero. Então, a agonia aparece na música “Goodbye”, quando o eu-lírico diz: “Fugi pra longe do teu coração / Com essa angústia que não deixa o meu em paz” (GOODBYE, 2008). Nesse caso, a origem do sofrimento do eu-lírico diz respeito a uma relação amorosa, porém, pode-se concluir que ele está enclausurado pela angústia

do outro, pois no primeiro verso afirma precisar se afastar para alcançar a serenidade. Embora essa tenha sido uma amostra explícita, tanto o poeta quanto a banda transmitem a atmosfera angustiante em grande parte de suas obras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando foi idealizado este trabalho, não ocorreu que as semelhanças entre os poemas e as músicas seriam tão diversas. Tal descoberta, conseqüentemente, potencializa a relevância do presente artigo, uma vez que valoriza a única obra de um importante autor pré-modernista e a discografia de uma das bandas mais relevantes do cenário nacional sob o ponto de vista poético.

Embora Augusto dos Anjos assuma um caráter mais fúnebre em relação à melancolia da Fresno, a plurissignificação encontrada instiga as análises e contribui para as metodologias de ensino, uma vez que, ao estabelecer uma relação entre os textos, aquele autor que parecia distante dos alunos aproxima-se por meio de uma banda familiar. Dessa maneira, os tópicos abordados — introspecção, escapismo da vida, crítica à superficialidade, valorização da cor vermelha, desabafo sobre o passado e angústia — interligam-se e comprovam que obras clássicas serão sempre atuais. Sendo que, os temas, neste caso, refletem a tumultuada fase da juventude, ocorrendo de distintas formas, tanto por meio da poesia egocêntrica e visceral, quanto por meio de músicas dramáticas, seguidas de delineador preto e franja nos olhos.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, A. **Eu e outras poesias**. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv.00054a.pdf>>. Último acesso em: 03 de nov. de 2020.
- AGRA, G. et al. Análise do conceito de Aprendizagem Significativa à luz da Teoria de Ausubel. *Revista Brasileira de Enfermagem*: **REBEn**, v. 72, n. 1, 2019, p. 258-265. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reben/v72n1/pt_0034-7167-reben-72-01-0248.pdf>. Último acesso em: 01 de dez. de 2020.
- BOSI, A. O simbolismo. In: **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 295-338.
- CARVALHO, R. O. Da música à tribo: os emos desde suas origens aos dias de hoje. In: 10º Interprogramas de mestrado, 2014. **Anais**[...], São Paulo-SP: Faculdade Cásper Líbero, 2014, p. 1-15. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/01/Renata-Oliveira-Carvalho.-UERJ.pdf>>. Acesso em: 01 de dez. de 2020.
- CAVALCANTI, L. M. D. Música e Poesia em Manuel Bandeira. **Estação Literária**, v. 3, 2009, p. 30-45 Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL3Art3.pdf>>. Acesso em: 30 de nov. de 2020.
- COSTA, F. Augusto dos Anjos e a façanha da biografia. **Revista USP**, São Paulo. n. 29, p. 214-218, mar./mai., 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25902/27634>>. Acesso em: 16 de nov. de 2020.
- FREITAS, A. K. M. Psicodinâmica Das Cores Em Comunicação. **ISCA Faculdades**. n. 12, p. 1-18, 2007. Disponível em: <https://hosting.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/Cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf>. Acesso em: 01 de dez. de 2020.
- GOODBYE. Intérprete: Fresno. Compositor: Lucas Silveira. In: REDENÇÃO. Intérprete: Fresno. [S. l.]: Arsenal Music, 2008. Música. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/5LhH30wGwG6B9VZXFTpsDx?si=NAKuVdoxS1GcORyoJ9BZKA>>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

INFINITO. Intérprete: Fresno. Compositor: Lucas Silveira. In: INFINITO. Intérprete: Fresno. [S. l.]: produção independente, 2012. Videoclip. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UXLfnchfP8U>>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

KIMORI, L. A lição dos mestres: os parnasianos na biblioteca de Mário de Andrade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 215-230, mai./ago. 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ea/v31n90/0103-4014-ea-31-90-0215.pdf>>. Acesso em: 20 de nov. de 2020.

MANIFESTO. Intérprete: Fresno *feat.* Lenine e Emicida. Compositor: Lucas Silveira e Emicida. In: EU sou a maré vida. Intérprete: Fresno. [S. l.]: produção independente, 2014. Música. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z4-iEm63OUM>>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

NOGUEIRA, G. L. C. Emocore - Grupo como leitura social. **Revista Cambiassu**, São Luís - MA, ano XVIII, n. 4, p. 190-207, jan./dez., 2008. Disponível em: <http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2008/gisleyne.pdf>. Acesso em: 20 de nov. de 2020.

PARDO, V. Bandas de A-Z: Especial Fresno (Primeira parte - História). **Nação da Música**, Brasil, 05 de maio de 2015. Disponível em <<https://br.nacaodamusica.com/posts/bandas-de-a-z-especial-fresno-primeira-parte-historia/>>. Último acesso em: 23 de nov. de 2020.

PAVLOSKI, E. Identidades Instáveis: os fragmentos do sujeito moderno. In: HARMUCH, R. A.; SALEH, P. B. O. (orgs.). **Identidade e Subjetividade**: configurações contemporâneas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, p. 13-31.

PORTO alegre. Intérprete: Fresno. Compositor: Lucas Silveira. In: REVANCHE. Intérprete: Fresno. [S. l.]: Arsenal / Universal Music Ltda, 2010. Música. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/33Y1jukFR76pj7TXFTHQBJ?si=LB7btrbRQSaRuZMaK_gF0w>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

QUANDO eu caí. Intérprete: Fresno. Compositor: Lucas Silveira. In: SUA alegria foi cancelada. Intérprete: Fresno. [S. l.]: BMG Brasil, 2019. Música. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/7jehNzCIKntIKtYF12rENW?si=vyMBnRTKQKqjwVL9ulpQUQ>>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.

SILVEIRA, L. **Pop & Arte**: Fresno faz investigação sobre jovens e melancolia da 'cultura de likes' em novo disco, diz vocalista. Entrevistadora Gabriela Sarmiento. Brasil: G1, 15 de jul. de 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/07/15/fresno-faz-investigacao-sobre-jovens-e-melancolia-da-cultura-de-likes-em-novo-disco-diz-vocalista.ghtml>>. Acesso em: 27 de nov. de 2020.

SUA alegria foi cancelada. Intérprete: Fresno e Jade Baraldo. Compositor: Lucas Silveira. In: SUA alegria foi cancelada. Intérprete: Fresno. [S. l.]: BMG Brasil, 2019. Música. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/5g8aFat6VuiFDYTEg7itWO?si=yAru6DIRSFS97Fn-xFSxgg>>. Acesso em: 02 de dez. de 2020.